



O educador escoteiro como ludoeducador

Héctor Carrer



Capítulo 1

O jogo



O jogo es...



Atividade Livre O sujeito escolhe e sente-se livre para fazê-lo no momento e da maneira que melhor lhe convier.



É uma situação fictícia que pode ser repetida. Difere da vida comum, é imaginário, tem certos limites de espaço temporal "irreais".



É regulado por regras específicas. Existem convenções com relação às regras ou regras que delimitam os limites do espaço temporal em que a atividade é executada.



Tem uma motivação intrínseca e um fim em si mesmo. É o sujeito que decide jogar jogando e não para alcançar um objetivo diferente do próprio jogo. **É improdutivo.**



Gera certa ordem e tensão no jogador. O jogo exige uma certa ordem para o seu desenvolvimento e, se essa ordem for quebrada, o mundo criado para o jogo será desfeito.



Capítulo 2

o jogo ameaçado pelos pedagogos



A história da relação lúdica entre a criança e o adulto não é tão antiga

Até o século XVIII a criança era considerada um adulto em miniatura

Em meados do século XX, o adulto começa a brincar com a criança.



um paradoxo:
nunca antes o jogo foi tão
valorizado, ao mesmo
tempo em que nunca foi
mais ameaçado...



o jogo é usado como um recurso

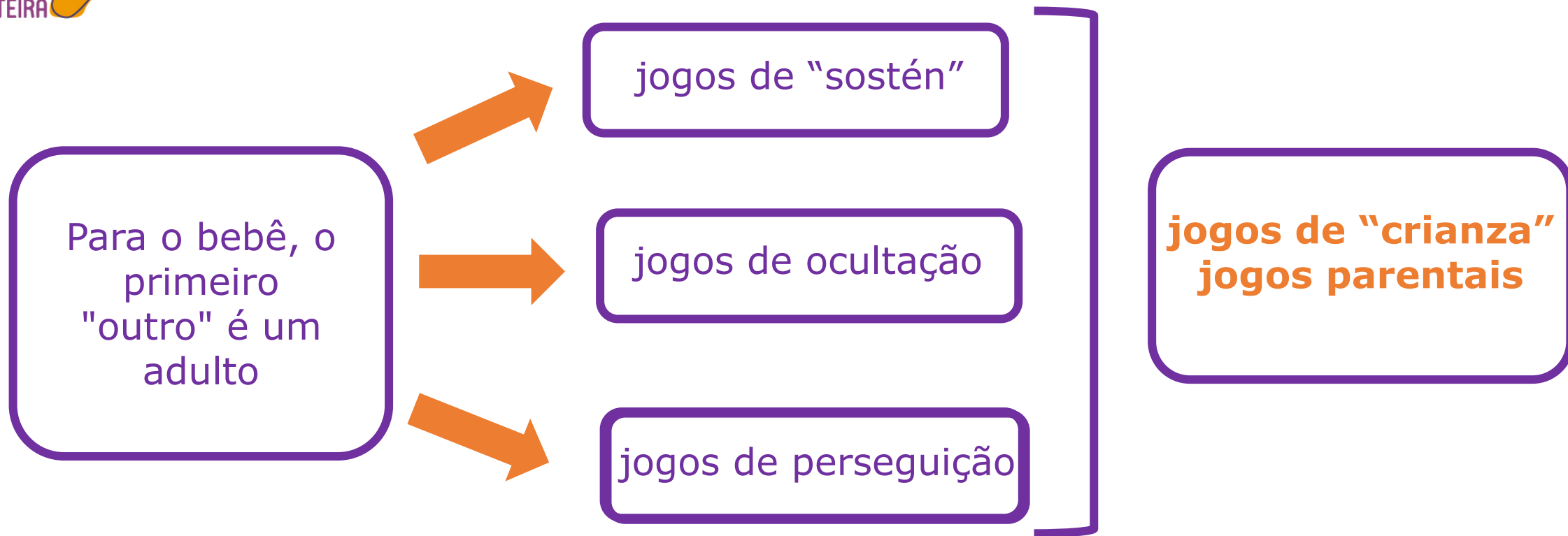
O jogo é usado como um instrumento, meio ou recurso para fins externos ao próprio jogo. O uso habitual do jogo, então, está relacionado ao ensino e aprendizagem. O jogo está pensando como instrumento de ensino e como meio de aprendizado. Os fundamentos dessas perspectivas, encontram sua origem principalmente na didática.

Capítulo 3

Mais, o jogo e muito mais que uma ferramenta educativa...



“Vamos entender o jogo como uma prática corporal, um conhecimento que circula na cultura e que se configurou de diferentes formas em diferentes contextos. Isso acontece dentro de certos limites de espaço e tempo diferentes da realidade; É criado por jogadores e marcado pela ficção em um espaço intermediário entre realidade e fantasia. Esta ordem particular, constituída pelas regras, é criada e recriada pelos jogadores na hora de jogar. Pensar o jogo a partir dessa perspectiva resulta em ser ensinado como um saber.” (Viñes, Nicolás)





Capítulo 4

Regressar aos ritmos naturais



Os direitos naturais das crianças (Gianfranco Zavalloni)

- 1. O direito ao lazer.** Viver momentos não programados por adultos.
- 2. O direito de se sujar-se.** Brincar com areia, terra, grama, folhas, água, galhos e pedras.
- 3. O direito ao cheirar.** Perceber o cheiro e reconhecer os perfumes da natureza.
- 4. O direito ao diálogo.** Ouvir e tomar a palavra, dialogar.
- 5. O direito a usar as mãos.** Pregar um prego, serrar e lixar madeira, usar lixa, colar, modelar barro, atar cordas, acender uma fogueira.

Os direitos naturais das crianças

- 6. O direito a um bom começo.** Comer comida saudável desde o nascimento, beber água pura, respirar ar limpo.
- 7. O direito à rua.** Brincar livremente nas praças, andar na rua.
- 8. O direito à Natureza em estado selvagem.** Construir cabanas nas florestas, brincar à escondidas no meio de canas, trepar às árvores.
- 9. O direito ao silêncio.** Ouvir o vento a soprar, os pássaros a cantar, a água a gorgolejar.
- 10. O direito aos matizes.** Ver o nascer e o pôr-do-sol. Admirar a lua e as estrelas à noite.

Obrigado!

Héctor Carrer:

hectorcarrer@gmail.com

www.tierradejuego.com

Ilustrações de Rodrigo Folgueira

Os vídeos são de Território do brincar

<http://territoriodobrincar.com.br/es/>

Obrigado a:

Nicolás Viñes (Universidade Nacional de La Plata, Argentina)
por me ajudar a pensar o jogo de outra abordagem